

PERCEPÇÃO DE DISCENTE SOBRE A PRESENÇA DE HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Mizael Pantoja Martins¹
Carlos José Trindade da Rocha²

RESUMO

O curso de pedagogia tem sido marcado pela presença massiva de mulheres, porém com o passar dos anos esse cenário tem se modificado com o aumento gradativo de estudantes homens. Este trabalho defende a superação de uma concepção profissional e de uma percepção didática face aos homens no curso de pedagogia, para além de preconceitos, com necessidades de mais bem se discutir essa temática. Assim, o artigo objetiva compreender as percepções de discentes homens no curso de pedagogia em uma universidade pública federal no interior da Amazônia oriental. A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como participantes os estudantes homens do curso de pedagogia, que responderam a um formulário online. Os resultados apontam, para uma percepção de não preocupação habitual dos estudantes homens durante o processo formativo, porém manifestaram preocupação com o trabalho em sala de aula na educação infantil enquanto futuros profissionais pedagogos, não obstante, percebem que há poucas discussões durante o curso sobre a existência da figura masculina como profissionais pedagogos no chão de salas de aulas em espaços escolares. Conclui-se, que por tratar-se de um tema atual, que apresenta reflexões sobre a formação na pedagogia como um todo, acredita-se que propor a discussões e reflexões sobre acadêmicos homens no curso de Pedagogia proporciona agregar novos conhecimentos sobre a temática e melhor compreender as relações de gênero entre os profissionais da educação

Palavras-chave: Pedagogia, Gênero, Homem, Educação, Ensino.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o curso de pedagogia foi marcado pela presença massiva de mulheres, porém com o passar dos anos esse cenário tem se modificado com o aumento gradativo de estudantes homens. Falas como: “pedagogia é coisa de mulher”, “homens não podem ser professores de crianças”, “nossa! um homem no curso de pedagogia, que estranho!”. Essas entre outras mazelas fazem parte do cotidiano acadêmico de discentes homens no curso de pedagogia.

Segundo o Censo da Educação Superior (BRASIL, 2020), o curso de pedagogia está entre os que possuem maiores números de matrículas. Nota-se uma diferença gritante na porcentagem, uma vez que 92% correspondem às mulheres e 8% aos homens. Embora o número de homens seja inferior, é importante analisar sua existência no referido curso a partir da percepção dos sujeitos que são minoria.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/ mizael.martins426@gmail.com

² Pós- Doutor em educação científica da Universidade Federal do Pará – UFPA/FAPED/PPGAA, carlostr@hotmail.com

O interesse em pesquisar sobre o assunto partiu da experiência de um dos autores, enquanto graduando de pedagogia, onde foi possível observar, nas disciplinas ofertadas, a inexistência de discursões sobre a presença desses estudantes e o número baixíssimo desses indivíduos no curso de pedagogia.

Diante de tais considerações, o presente estudo se justifica por se constituir em reflexões sociais e científicas de valia para docentes e discentes do curso de pedagogia, podendo ser de base para debates da presença masculina na educação infantil e formação de professores pedagogos da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal (CCAST).

Objetiva compreender as percepções de discentes homens no curso de pedagogia em uma universidade pública federal no interior da Amazônia oriental.

Dessa forma, a questão que norteou a pesquisa foi: de que forma os discentes de pedagogia percebem a presença de estudantes homens no curso de pedagogia da UFPA/CCAST? Assim, espera-se contribuir para uma nova maneira de ver a presença masculina em cursos de pedagogia no interior da Amazônia oriental.

METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa (FLICK, 2016) de caráter descritivo e exploratório (PEDROSO, *et al* 2018). Foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados: google acadêmico, Scyelo e Capes. A princípio, foram pesquisados trabalhos que discorriam sobre a docência masculina, depois trabalhos sobre a presença de estudantes homens na pedagogia. Foi feita uma triagem e separados os trabalhos de maior relevância e que se alinhavam com os objetivos da pesquisa.

No que cerne a coleta de dados, utilizamos o *google formulário* via *WhatsApp* com seis perguntas aos alunos do sexo masculino das turmas dos anos de 2016 a 2023 do curso de pedagogia, nos turnos matutino, vespertino e noturno da UFPA/CCAST. A investigação foi desenvolvida a partir das seguintes etapas (Quadro 1):

Quadro 1 – Etapas e ações de pesquisa.

ETAPAS	AÇÕES
Etapa 1	Levantamento das listas de matriculados homens do curso de pedagogia da UFPACAST.
Etapa 2	Elaboração do instrumento de pesquisa.
Etapa 3	Aplicação do instrumento via <i>google formulário/WhatsApp</i>
Etapa 4	Organização e sistematização dos dados coletados.

Fonte: os autores (2023).

Do universo de 46 alunos de pedagogia do sexo masculino, 11 (onze) responderam ao instrumento de coleta de dados, sendo denominados de AP1, ..., AP11. Os dados foram

organizados em gráficos, quadros e tabelas, posteriormente foram analisados e descritos de forma sistemática

HOMENS NO ESPAÇO EDUCACIONAL: ESTRAHAMENTOS E RESISTÊNCIAS

De acordo com Santos (2019, p. 49) “O magistério para os homens sempre foi uma profissão secundária, podendo ser conciliada com outras ocupações, pelo fato de ocupar menos tempo diário, podendo ser uma possibilidade a mais de ganhos”, ou seja, o magistério não era visto, por parte dos homens, como uma profissão prioritária, mas como um complemento de renda.

As revoluções no mundo do trabalho possibilitaram para esses indivíduos outras maneiras de obtenção renda ou prestígio social, uma vez que a percepção social historicamente imposta sobre o homem sempre girou em torno da sua ascensão e liderança, elementos quase antagônicos à docência. Gonçalves e Benitez (2023) concordam com esse pensamento ao afirmarem que os processos de urbanização e industrialização contribuíram para que os homens deixassem de forma progressiva o professorado.

Hodiernamente a presença de mulheres no curso pedagogia é predominante, entretanto ainda existem homens adentrando esses espaços enfrentando preconceitos e estranhamentos. Castro e Santos (2016) analisam a presença masculina no curso como uma forma de resistência e possibilidade de questionamentos aos estereótipos da sociedade no que tange às profissões ditas femininas e masculinas.

Autores como Gonçalves e Penha (2015), Castro e Santos (2016), Baliscai e Saito (2021), Serafim (2023) discorrem sobre a existência desses indivíduos no espaço escolar, levando em consideração os embates provocados pelos estereótipos impostos sobre o magistério e a importância da representatividade masculina no ambiente educacional estimulando de forma progressiva e dinâmica a transformação concepcional sobre a docência.

Na pesquisa de Gonçalves e Penha (2015) sobre o professor homem na educação infantil, foi constatado que todos os respondentes alegaram ser recebidos de bom grado por parte da comunidade educacional, entretanto perceberam certas estranhezas por parte dos familiares das crianças. Isso mostra que os desafios no que tange a normalização da presença de homens como docentes não se limitam somente no âmbito educacional, mas é também um problema familiar e social.

Castro e Santos (2016) ao pesquisarem sobre as questões de gênero no curso de pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora constatou que existem poucas discussões

sobre as questões de gênero no currículo de formação em pedagogia, o autor conclui que essa ausência pode reforçar os paradigmas sociais em torno dos papéis femininos e masculinos na sociedade.

Balisei e Saito (2021) afirmam que a presença desses indivíduos como docentes na educação infantil pode contribuir no processo de desconstrução de ideias patriarcais perpetrada há séculos no que cerne o magistério como algo maternal. Isso implica, por exemplo, na compreensão de que ninguém nasce professor (a), ou seja, é uma possibilidade sem restrições biológicas ou estereotipadas.

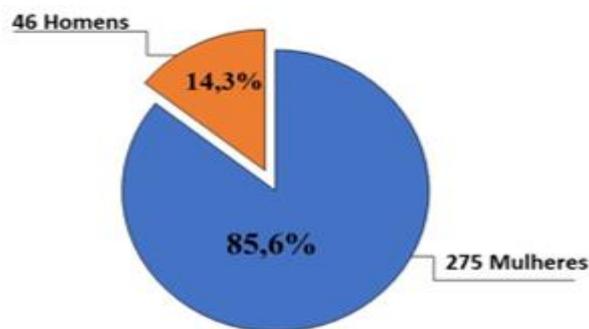
Na pesquisa de Serafim (2023), os respondentes externam ciência sobre os desafios que enfrentarão enquanto profissionais de uma área predominantemente feminina, porém mostram mais interesse em trabalhar fora da sala de aula como a supervisão escolar, por exemplo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundos dados emitidos, no ano de 2023, pela coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus Castanhal, há 321 discentes ativos no curso de pedagogia, contabilizando as turmas dos anos 2016 à 2023, nas modalidades Intensiva e extensiva, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Com relação aos alunos matriculados no curso de pedagogia da UFPA/CCAST nos últimos quase 10 (dez) anos o gráfico 1 ilustra os resultados.

Gráfico 1: Discentes matriculados no curso de pedagogia UFPA/CCAST (2016 à 2023)



Fonte: os autores (2023).

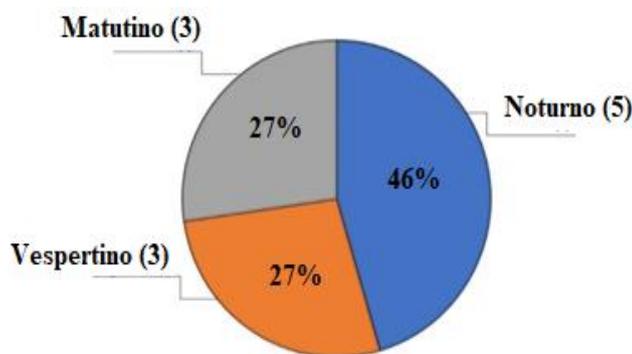
Observa-se que dos alunos matriculados no período de 2016 a 2023, 275 (85,6%) são do sexo feminino e 46 (14,3%) do masculino. Os resultados indicam que a presença de estudantes homens no curso de pedagogia da UFPA/CCAST embora pequena, pode ser

considerada como uma evidência de luta e resistência desses indivíduos frente os principais obstáculos da participação masculina na docência de crianças.

Para Monteiro e Altmann (2013, p. 4), os principais obstáculos para o aumento da participação masculina na docência com crianças são: a) os “mitos e ideias arraigados sobre masculinidade”, b) a questão de essa área profissional ser ocupada preferencialmente por mulheres, c) os baixos salários, d) as condições inadequadas de emprego, e) o baixo status da profissão, f) preocupações relacionadas à possibilidade de abuso contra a criança, em uma associação da masculinidade à violência.

Considerando os alunos homens que responderam à esta pesquisa estão distribuídos nos três turnos em que o curso é ofertado na UFPA/CCAST (Gráfico 2).

Gráfico 2: Turmas de estudo dos homens na pedagogia UFPA/CCAST



Fonte: os autores (2023)

Observa-se que 5 (46%) respondentes estudam no período noturno, 3 (27%) no período matutino e 3 (27%) no período vespertino. De acordo com Pereira (2013), uma hipótese razoável para a maioria dos sujeitos masculinos em cursarem pedagogia no período noturno se justifica pelo fato da existência de uma pressão social sobre esses no que se refere o trabalho em prol da obtenção de renda.

Braga e Peixoto (2008) concordam com esse pensamento ao mencionarem que os estudantes das classes menos favorecidas tentem a cursar ensino noturno enquanto os das classes mais altas tendem ao ensino diurno ou ensino integral.

Com relação ao questionamento sobre as motivações de escolha pela pedagogia, o quadro 2 ilustra as respostas dos alunos homens pesquisados:

Quadro 2: Motivação para cursar pedagogia/outra formação

ACADÊMICO	MOTIVAÇÃO PARA CURSAR PEDAGOGIA
AP1	“Motivação Própria”
AP2	“Pedagogia é uma área que sempre me chamou muita atenção e eu sempre tive vontade de ser professor, um pedagogo. Além de que, a Pedagogia é uma área de atuação bem ampla, que me possibilita atuar em diversos

	setores”.
AP3	“Mercado de trabalho e educação”
AP4	“Pela grande abrangência que o curso oferece, pois possibilita ao profissional da pedagogia exercer sua profissão em inúmeras áreas, sendo elas em ambientes escolares ou não”.
AP5	“Prazer em educação”.
AP6	“Tive necessidade de aprender conhecimentos na área da educação para melhorar meu trabalho”.
AP7	“Passei e decidi cursar”.
AP8	“O contexto educacional sempre me atraiu”.
AP9	“Um curso mais fácil, pois só quero a <u>graduação</u> ”.
AP10	“Era o único curso disponível a noite, que eu tinha afinidade”.
AP11	“Me identifico com a área”.

Fonte: os autores (2023)

Nas falas dos alunos homens de pedagogia, é possível considerar que a principal motivação para cursar pedagogia envolve a autoidentificação com a área educacional. O AP3 concebe que pela pedagogia ser uma área pertencente ao contexto educacional pode lhe oportunizar a inserção no mercado de trabalho; corroborando com o AP6 que descreve que sua escolha foi pela necessidade de conhecimentos sobre educação para o aprimoramento do seu trabalho.

Os AP2 e AP4, mencionaram que o trabalho do pedagogo é para além da sala de aula. Essa perspectiva evidencia a compreensão dos acadêmicos à abrangência do campo de trabalho pedagógico garantidos por lei (CNE/CP 1/2006). E é possível inferir que, se esse aspecto fosse difundido de forma intensa e intencional poderia, de certo modo, contribuir para a quebra de paradigmas relacionadas à identidade do pedagogo (a), que ainda tem sua figura limitada à docência da Educação infantil e Educação fundamental anos iniciais.

Os AP5, AP8 e AP11 direcionaram suas motivações para o âmbito educacional utilizando expressões como: prazer em educação, atração pelo contexto educacional e identificação com a área. Faz-se importante pontuar que a educação e todas as questões que estão ao seu entorno não possuem, em sua essência, atributos atrelados às questões de propriedade de gênero e sexo, mas preocupações e aspirações humanas, cabendo ao ser humano, independente do seu sexo, gênero ou orientação sexual pensar, planejar, organizar, executar e refletir sobre as questões inerentes à pedagogia.

As motivações dos AP1 e AP7, AP9 e AP10 foram por decisão pessoal, pela facilidade de aprovação e disponibilidade de horário e afinidade respectivamente. Nogueira e Pereira (2010) descrevem que as pesquisas nacionais e internacionais sobre o tema mostram que indivíduos com perfis sociais e escolares mais favoráveis tendem a escolher os cursos mais seletivos, prestigiosos e que preparam para as profissões mais rentáveis e de maior *status*.

Para os autores, os indivíduos mais velhos e com características sociais e escolares menos favoráveis tendem, ao contrário, a escolher os cursos de acesso mais fácil e que preparam para as profissões menos prestigiosas e rentáveis. A escolha do curso superior está relacionada ainda ao sexo e ao pertencimento étnico dos candidatos.

Com relação aos preconceitos que os acadêmicos homens no curso de pedagogia da UFPA/CCAST, o quadro 3 descreve o relatado pelos AP2, AP3, AP4, AP9.

Quadro 3: Tipos de preconceitos aos acadêmicos homens de pedagogia UFPA/CCAST

ACADÊMICO	RESPSTAS
AP2	“Já fui chamado de gay só por cursar pedagogia”.
AP3	“Dizer que é um curso de homossexual, como se isso fosse algo pejorativo”.
AP4	“Uma vez, estavam anunciando vaga de estágio em pedagogia em uma escola privada do município de Castanhal. Fui me informar sobre a vaga e tentar preenchê-la, mas fui informado que o estágio era somente para o sexo feminino. Questionei sobre e fui informado de que poderia ser um problema para a escola contratar um estagiário homem para a docência no fundamental menor e Educação Infantil, pois ainda era um tabu para os pais ver um profissional do sexo masculino ‘cuidando’ dos filhos deles”.
AP9	“As meninas pensavam que eu era homossexual kkk”.

Fonte: os autores (2023).

Os AP2, AP3 e AP9 relataram que já sofreram preconceitos de forma direta e indireta sobre sua presença no curso. É exposto por esses participantes a relação sobre as questões de gênero ao inferir no homem a representatividade homossexual no curso de pedagogia. Essas questões, mais uma vez evidenciam o estranhamento da presença do homem no curso que historicamente foi marcado pela presença dominante das mulheres.

É possível inferir a existência e persistência dos paradigmas sociais envolvendo os papéis de gênero, onde cabe a mulher o ambiente educacional e ao homem outros espaços que não envolva trabalho educacional com crianças, isso é relatado, por exemplo, nas falas do AP4 onde ele menciona ter sido impedido de preencher uma vaga de estágio simplesmente pelo fato de ser homem.

Para Castro e Santos (2016), essa percepção social sobre o papel dos gêneros na sociedade passa por um processo de estruturação desde a tenra idade do indivíduo. Aos meninos são atribuídas atividades mais agressivas, enquanto às meninas, gentileza e fragilidade. Nesse aspecto, os indivíduos homens são rotulados como incapazes de exercer atividades que envolva trabalho com crianças, especificamente a docência.

Levando em conta esses elementos e considerando também que os debates sobre a presença do homem em um curso considerado como feminino, os discentes foram indagados se há a preocupação com essa discussão na UFPA/CCAST como mostra a tabela 1.

Tabela 1- Debates sobre presença masculina na pedagogia UFPA/CCAST

RESPOSTA	FREQUÊNCIA
Sempre	0 (0%)
Muitas vezes	2 (18,1%)
As vezes	1 (9%)
Raramente	6 (54,5%)
Nunca	2 (18,1%)

Fonte: os autores (2023).

Os números se apresentam de forma negativa, uma vez que a maioria (54,5%) respondeu que raramente é debatido sobre o tema, outro fator que contribui para essa colocação é que 18,1% (2) dos respondentes afirmaram nunca haver debate; 18,1% (2) afirmaram que muitas vezes é debatido; 9% (1) afirmaram que às vezes é debatido; 0% afirmou sempre haver debates.

Embora os números não se apresentem de forma positiva, é importante mencionar que ainda assim são existentes debates sobre a presença masculina no curso. Isso é interessante, pois evidencia, mesmo que forma gradativa, a preocupação para com as minorias.

Concordamos com Serafim (2023) ao afirmar que a existência desses indivíduos nesses espaços provoca a desmitificação dos padrões sociais no que tange as representações de gênero, ou seja, observar, perceber e refletir sobre essa existência é de extrema relevância para que haja transformações sociais e quebra de paradigmas.

Nesse aspecto, os alunos homens de pedagogia foram indagados sobre o que poderia ser discutido a respeito da presença masculina no curso de pedagogia. O quadro 4 apresenta a resposta dos acadêmicos.

Quadro 4: sobre a presença de homens no curso de pedagogia da UFPA/CCAST.

ACADÊMICOS	RESPOSTAS
AP1	“Atuação na área da Educação Infantil”
AP3	“A necessidade de não pensar a pedagogia e a educação básica como algo maternal”.
AP4	“Em como o preconceito com homens como docentes nas séries iniciais e principalmente na educação infantil deve ser derrubado. Pautar meios de trabalhar esse assunto, visto que a sociedade em si já carrega essa linha de pensamento negativa quando se trata de um professor lecionando para crianças do infantil e até mesmo do fundamental menor”.
AP6	“As vezes é importante ressaltar a construção social estereotipada patriarcal e machista de que educar é só função de mulher. E que ainda se tem a correlação do homem com o crime de estupro de vulneráveis”.
AP7	“Sobre os cuidados com a criança e a forma de lidar que pode ser que os homens não tenha”.
AP8	“A discussão deve visar que, o ser e fazer docente está além de gênero”.
AP9	“Área de trabalho, modos de como tratar as crianças nas séries iniciais”.
AP11	“A relação do professor (homem) com aluno nas séries iniciais da Educação Básica e Educação Infantil”.

Fonte: os autores (2023).

É possível observar que os discentes mencionam dois pontos importantes sobre o que deveria ser discutido no curso de pedagogia referente a presença de estudantes homens, a saber: Docentes homens na educação infantil; Estereótipos sociais envolvendo a imagem do docente homem na educação infantil e anos iniciais.

Sobre o primeiro ponto, fica notório na fala dos entrevistados (AP1, AP7, AP9, AP11) que é preciso ter mais diálogos sobre como os docentes devem se portar no ambiente infantil e em como enfrentar os desafios da sua profissão frente às mazelas sociais envolvendo a imagem da docência como propriedade feminina.

Nas falas desses entrevistados, ficam evidentes algumas expressões dignas de destaque, como: Atuação, cuidados, modos, como tratar, formas de lidar, relação do professor homem. Essas expressões elucidam a preocupação sobre a prática docente masculina comparada à feminina, a percepção que recai sobre a atuação masculina possui uma espécie de atenção distinta, uma vez que este não recebe, em muitos casos, a confiança por parte do corpo escolar e familiar, fazendo com que sua atenção em relação a prática docente seja dobrada.

Sobre o segundo ponto, é possível notar o interesse em discussões sobre os paradigmas sociais envolvendo a imagem do professor homem no curso de pedagogia e nos espaços escolares. Se faz notório também a preocupação em combater essa mazela (AP3, AP4, AP6, AP8). Algumas expressões se destacam nas falas dos acadêmicos, como: maternal, preconceito, construção social estereotipada patriarcal e machista, educar é só função de mulher, crime de estupro, gênero, fazer docente.

Essas colocações reforçam a ideia de Gonçalves (2009) da existência de preconceitos sobre a figura masculina no ambiente escolar, uma vez que a sociedade hodierna ainda não se desvinculou de algumas características consideradas patriarcais, reflexo da imposição de atributos de reponsabilidades sociais atreladas ao gênero e sexo dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa, é possível concluir que a percepção dos estudantes homens no curso de Pedagogia não é uma preocupação habitual durante o processo de formação inicial pela maioria deles, porém manifestaram preocupação com o mercado de trabalho em sala de aula com a educação infantil, não obstante, há poucas discursões sobre a temática no curso sobre a existência da figura masculina como profissionais pedagogos nos espaços escolares.

Conclui-se também que embora a presença massiva das mulheres no curso seja realidade, os estudantes homens ingressos demonstram interesse na área utilizando tal ciência para sua carreira profissional ou aprimoramento de outras atividades profissionais. A percepção dos discentes sobre o curso estende-se para além da sala de aula chegando a espaços não propriamente escolares, mas, também, como possibilidade de trabalho.

A pesquisa aponta para a maior frequência de discursões no ambiente acadêmico e escolar no que tange a presença de homens enquanto docentes nas séries iniciais para que, dessa forma, mitiguem os paradigmas e estereótipos sociais. O trabalho defende a superação de uma concepção profissional e de uma percepção didática face aos homens no curso de pedagogia, para além de preconceitos, com necessidades de mais bem se discutir essa temática.

É importante mencionar que essa pesquisa não é um produto acabado, mas uma fonte que pode contribuir com pesquisas que abordem a mesma temática, servindo de material teórico e científico para o ambiente acadêmico, escolar e social.

REFERÊNCIAS

BALISCEI, João Paulo; SAITO, Heloisa Toshie Irie. Há um homem na educação infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças. **GÊNERO**. v. 21, n. 2, p. 296-320, 2021.

BRAGA, Mauro; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. Expansão dos cursos noturnos na UFMG: uma política efetiva de inclusão social?. *In*: PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; ARANHA, Antônia Vitória. (Org.). **Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 92-118, 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2020**. Brasília/DF: INEP, 2022. 78 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (MEC). Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial. Brasília, 16 de maio de 2006. Seção 1, p.11.

CASTRO, Roney Polato de; SANTOS, Vinícius Rangel dos. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 7, n. 1, p. 53-76, 2016.

FLICK, W. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. Ed. 3, Porto Alegre: Artmed. 2016.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. 232 f. Tese

(Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

GONÇALVES, Josiane Peres; BENITEZ, Maria Cristina de Sousa. **A (In)Existência de Estudantes do Gênero Masculino no Curso de Pedagogia: Por que Eles Desistem?**.17ª Ver. Inter. Educ. Sup.Campinas, SP. v.9 1-19, 2023.

GONÇALVES, Josiane Peres; PENHA, Natalia Ribeiro da. Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia. **Revista-zero-a-seis**. v. 17, n. 32 p. 170-192, 2015.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil: *In: 36ª reunião nacional da ANPED, 2013, Goiânia. Anais do...* Goiânia: ANPED, 2013, p. 1-17.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; PEREIRA, Flávia Goulart. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista**, v. 26, p. 15-38, 2010.

PEDROSO, J. S; SILVA, K, S; SANTOS, L. P. **Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva**. IX Jicex, 9(9). 2018.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos. **A mulher estudante de pedagogia: dificuldades e superação na graduação**. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rebs/article/download/10183/6702>. Acesso em: 21 de Julho de 2023.

SERAFIM, Andreia Carolina de Oliveira. **Homens na pedagogia: identidades profissionais possíveis em um curso feminino**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.